



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

ERNANDES EDSON DA SILVA

**O JORNALISMO LITERÁRIO NO PODCAST “A MULHER DA CASA
ABANDONADA”**

**CAMPINA GRANDE - PB
2025**

ERNANDES EDSON DA SILVA

**O JORNALISMO LITERÁRIO NO PODCAST “A MULHER DA CASA
ABANDONADA”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Jornalismo.

Área de concentração: Produção Jornalística

Orientador: Prof. Me. Rafael de Araújo Mélo

**CAMPINA GRANDE - PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586j Silva, Ernandes Edson da.
O jornalismo literário no podcast "a mulher da casa abandonada" [manuscrito] / Ernandes Edson da Silva. - 2025.
23 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Me. Rafael de Araújo Mélo, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Podcast. 2. A Mulher da Casa Abandonada. 3. Jornalismo literário. 4. Chico Felitti.. I. Título

21. ed. CDD 070.4

ERNANDES EDSON DA SILVA

O JORNALISMO LITERÁRIO NO PODCAST "A MULHER DA CASA
ABANDONADA"

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Jornalismo da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel
em Jornalismo

Aprovada em: 12/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Antonio Roberto Faustino da Costa** (***.779.704-**), em **27/06/2025 05:27:06** com chave **82df12ac533011f0ace51a7cc27eb1f9**.
- **Agda Patrícia Pontes de Aquino** (***.144.454-**), em **27/06/2025 10:33:08** com chave **4338078c535b11f087c01a1c3150b54b**.
- **Rafael de Araújo Mélo** (***.071.504-**), em **26/06/2025 23:45:47** com chave **d401588c530011f0aef306adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 03/07/2025

Código de Autenticação: e577d4



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	JORNALISMO LITERÁRIO	5
2.1	O que é jornalismo literário?	5
2.2	A estrela de sete pontas	7
3	PODCAST E CRIMES REAIS	9
4	METODOLOGIA	11
5	ANALISANDO A MULHER DA CASA ABANDONADA	11
5.1	A estrela de sete pontas na casa abandonada	16
6	CONCLUSÃO	18
	REFERÊNCIAS	19

O JORNALISMO LITERÁRIO NO PODCAST “A MULHER DA CASA ABANDONADA”

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa analisa os elementos do jornalismo literário, de acordo com o conceito de Felipe Pena, presentes no podcast investigativo e documental *A Mulher da Casa Abandonada*, criado por Chico Felitti e lançado nos meses de junho e julho de 2022. Além disso, o artigo compara duas definições diferentes sobre a temática de jornalismo literário, a de Pena e a de Lima. A pesquisa utilizou o método de análise de unidades, de Maria Marly Oliveira, para estudar cada um dos sete aspectos do jornalismo literário, conhecido como a estrela de sete pontas, ao longo do podcast. Ainda sobre a metodologia, foi elaborado um resumo dos principais acontecimentos dos sete episódios, com a finalidade de contextualizar a história, e analisada a estrutura geral da obra. O resultado final foi a confirmação do uso frequente do jornalismo literário em todo o podcast, e também como essa série documental exemplifica a aplicação das técnicas jornalísticas combinadas com as de literatura em um produto de mídia sonora.

Palavras-Chave: Podcast; A Mulher da Casa Abandonada; jornalismo literário; Chico Felitti.

ABSTRACT

This qualitative research analyzes the elements of literary journalism, according to Felipe Pena's concept, presented in the investigative and documentary podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, created by Chico Felitti and released in June and July 2022. Additionally, the article compares two different definitions regarding the theme of literary journalism: those of Pena and Lima. The research employed the unit analysis method, developed by Maria Marly Oliveira, to study each of the seven aspects of literary journalism, known as the seven-pointed star, throughout the podcast. As part of the methodology, a summary of the main events of the seven episodes was prepared to contextualize the story, and the overall structure of the work was analyzed. The final result confirmed the frequent use of literary journalism throughout the podcast and also demonstrated how this documentary series exemplifies the application of journalistic techniques combined with literary ones in an audio media product.

Keywords: Podcast; A Mulher da Casa Abandonada; literary journalism; Chico Felitti.

1 INTRODUÇÃO

Em primeiro de junho de 2022, foi publicado o primeiro episódio do podcast narrativo e documental *A Mulher da Casa Abandonada*, criado pelo jornalista Chico Felitti e veiculado pelo jornal *A Folha de S. Paulo*. Os episódios eram publicados semanalmente até 20 de julho, e com o um episódio extra sobre o desenrolar do caso em 26 de julho. Além de ser jornalista formado pela PUC e sociólogo pela USP, Felitti é autor dos livros *Ricardo e Vânia, A Casa, Elke – Mulher Maravilha e Rainhas da Noite*. Ele também é responsável pelos podcasts *Além do Meme, Isso Está Acontecendo e Gente!*. O trabalho de Chico Felitti é conhecido por apresentar personagens curiosos e histórias surpreendentes. Em *A Mulher da Casa Abandonada*, somos apresentados a uma mulher que usa pomada branca no rosto e vive em uma casa grande e decadente em um dos bairros mais nobres de São Paulo. Ela é procurada pelo FBI por manter uma empregada doméstica brasileira em condições análogas à escravidão nos Estados Unidos por 19 anos.

Por ter sido um sucesso assim que os primeiros episódios foram publicados, muito devido a uma narrativa envolvente e de suspense, *A Mulher da Casa Abandonada* saiu do nicho dos ouvintes de podcasts. Dentro de poucas semanas, começou a ser noticiado em televisão aberta, seja pelo fato de denúncia ou pelo sensacionalismo que surgiu. O que levou os produtores a se pronunciarem contra os ataques e perseguições das pessoas retratadas nos episódios. A popularidade, inclusive, possibilitou outros podcasts investigativos de Felitti com a mesma estrutura, até o presente momento deste trabalho foram *O Ateliê, A Coach e O Síndico*. O último sendo a segunda parceria do jornalista com a *Folha de S. Paulo*, e o projeto mais recente do jornalista até o presente momento deste artigo.

O podcast *A Mulher da Casa Abandonada* é o objeto de estudo deste artigo científico, que tem como objetivo central analisar a presença do conceito de jornalismo literário de Felipe Pena nos sete episódios. Ademais, os objetivos específicos são registrar os acontecimentos principais dos episódios para contextualizar para quem não conhece e relembrar para quem já ouviu o podcast; comparar os conceitos de jornalismo literário de Lima (2009) e Pena (2006); e examinar a estrutura do podcast.

O jornalismo literário, de acordo com Pena (2006), não é somente sobre informar ou entreter, ele tem também como objetivo contar histórias de forma envolvente e emocionante. Pena (2006) define o jornalismo literário como uma estrela de sete pontas, onde cada ponta simboliza uma característica fundamental desse estilo de jornalismo. As sete pontas da estrela significam potencializar os recursos do jornalismo e ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano para que possa proporcionar uma visão ampla da realidade. Além de exercitar a cidadania e romper com o lide, também o jornalista tem que evitar os definidores primários para que no fim o texto possa atingir a perenidade.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a de unidade de análise de Maria Marly Oliveira (2006), onde cada uma das sete pontas serviram como uma unidade a ser analisada dentro de todos os sete episódios do podcast. A pesquisa tem uma base teórica focada em jornalismo literário e podcast. Os principais autores de referência para ambos os temas foram, respectivamente, Felipe Pena e Evaldo Pereira Lima, e Marcelo Kischinhevsky e Micael Herschmann. Esta pesquisa é relevante e pode atrair o interesse de outros pesquisadores que estudam podcasts ou mídias sonoras, jornalismo literário. Inclusive, pode ser útil para quem deseja iniciar ou expandir estudos acadêmicos nesses temas, ou para aqueles que ouviram

A Mulher da Casa Abandonada e buscam uma análise técnica dos elementos presentes no podcast. Além disso, a pesquisa busca responder a principal pergunta, quais as características do jornalismo literário estão presentes no podcast *A Mulher da Casa Abandonada*.

2 JORNALISMO LITERÁRIO

2.1 O QUE É JORNALISMO LITERÁRIO?

Um texto jornalístico cotidiano é objetivo e perene, não pode descrever em detalhes uma cena ou utilizar adjetivos. Logo nas primeiras linhas, ele tem que responder às seis perguntas que formam o lide: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê? “...o lide é uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século passado com o intuito de conferir objetividade à imprensa” (Pena, 2006, p. 07). As perguntas do lide não precisam aparecer sempre nessa ordem, e nem sempre é possível respondê-las de forma completa, devido a outros fatores externos. O lide é o formato ensinado em cursos de jornalismo e aplicado em toda matéria factual.

No entanto, é um formato que pode limitar a criatividade do jornalista, pois não oferece a possibilidade de explorar narrativas ou figuras de linguagem, exceto quando se trata de um livro-reportagem, em que a necessidade de informar todo o caso no primeiro parágrafo não é regra. “O livro-reportagem é o veículo de comunicação impresso não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalístico periódicos” (Lima, 2009, p. 06). Em casos assim, é possível criar uma imersão nos fatos, ouvir múltiplas fontes e contextualizar o quanto for preciso para o público compreender bem a dimensão dos fatos. Além de utilizar recursos linguísticos e técnicas narrativas para enriquecer o texto.

Do ponto de vista puramente teórico, quanto ao processo de comunicação com o leitor, o que o livro-reportagem procura é atingir uma harmonia entre duas qualidades: a *eficiência* e a *fluência*. A primeira cumpre a tarefa de informar e orientar com profundidade, de modo que o leitor obtenha uma compreensão ampliada da realidade. A segunda serve ao propósito de cumprir esta missão com elegância (Lima, 1993, p. 43).

Essas qualidades citadas por Lima (1993) foram fundamentais para o surgimento do *new journalism* (novo jornalismo). “Geralmente, o jornalismo literário é associado ao *New Journalism*, corrente que se notabilizou nos anos 1960, nos EUA, e que teve, entre seus expoentes, Norman Mailer, Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe” (BARSOTTI; SANTA CRUZ, 2020, p. 141). Porém, o jornalismo com características literárias que vemos hoje em dia e que é associado também ao movimento do novo jornalismo já existia antes. Olinto (1968) comenta que muitos romancistas do século passado, em maioria americanos, que saíram do jornal e que combinaram literatura e jornalismo, a exemplo do autor e jornalista Jack London.

Na guerra de 1904, entre a Rússia e o Japão, London foi à Coreia, de onde enviou reportagens diferentes, vivas, em que os acontecimentos assumiam aspectos de fantasia, mas estavam presos a um sentido de realidade que foi, depois, a característica de seus romances. Viajando pelo Alasca, buscando ouro, tendo aventuras de todos os tipos, Jack London criou um mundo de experiências, do qual muito se valeu para contextura de suas histórias (Olinto, 1968, p. 50 - 51)

No Brasil também já existiam livros-reportagem com características literárias antes do surgimento do *novo jornalismo*. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *As Religiões do Rio*, de João do Rio, são exemplos de obras que relatam fatos, mas que incorporam aspectos literários. Segundo Martinez (2016), Cunha e Rio são pioneiros ao fazer jornalismo literário da maneira que é debatido e praticado atualmente.

Para Lima (1993), o *novo jornalismo* incorporou elementos do cinema *underground* dos anos 60 e de outras formas de expressão da contracultura, como o mergulho profundo nas histórias e mentes das personagens, além de adotar uma narrativa envolvente e sedutora. O movimento do novo jornalismo impulsionou a produção e publicação de livros-reportagem, que narram os fatos de maneira imersiva, utilizando recursos narrativos e linguísticos comuns em obras literárias, como por exemplo, *A Sangue Frio*, de Truman Capote, publicado em 1966, e *Os Exércitos da Noite*, de Norman Mailer, lançado em 1967. O primeiro livro-reportagem narra o massacre de uma família de fazendeiros no Kansas, enquanto o de Mailer retrata a Marcha sobre o Pentágono contra a Guerra do Vietnã.

Na visão de Tom Wolfe, o jornalismo alcançava um *status* literário próprio a partir de então, constituindo um gênero que não mais poderia ser considerado inferior. Na pior das hipóteses, não haveria mais como negar as qualidades literárias da produção dessa corrente jornalística (Lima, 1993, p. 48).

De fato, não há como falar de jornalismo literário sem falar do novo jornalismo, e vice-versa. Mas o que exatamente seria o jornalismo literário? De acordo com Martinez (2016), o jornalismo literário é um campo de estudo em construção em todo o mundo, e ainda não há consenso sobre o que ele realmente abrange.

O termo jornalismo literário dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado. Na Espanha, por exemplo, está dividido em dois gêneros específicos: *periodismo de creación* e *periodismo informativo de creación*. O primeiro está vinculado a textos exclusivamente literários, apenas veiculados em jornais. Já o segundo une a finalidade informativa com uma estética narrativa apurada. O problema é que já parte do pressuposto de que o texto exclusivamente informativo não tem uma narrativa trabalhada (Pena, 2006, p. 13)

Enquanto no Brasil, segundo Pena (2006), o jornalismo literário apresenta uma pluralidade de classificações e pode ser interpretado por alguns estudiosos como um período em que escritores trabalhavam como editores, articulistas e cronistas em veículos de comunicação, ou ainda como crítica de obras literárias que são publicadas em jornais e revistas.

O que chamamos de Jornalismo Literário é a conjunção de conhecimentos, saberes, *savoir-faire*, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano” (Castro, 2010, p. 05).

Apesar de não haver um consenso do significado do jornalismo literário, é evidente alguns aspectos em comum de vários pesquisadores. A exemplo do uso de técnicas narrativa, profundidade nos fatos, voz autoral. "O fato é que ao analisarmos reportagens que possuem elementos de Jornalismo Literário, o que em geral se nota

é um exaustivo trabalho de investigação" (Martinez, 2017, p. 28). Pena (2006) considera todas as variadas definições válidas mas as trata como subgêneros do jornalismo literário. Na sua concepção, o jornalismo literário não se resume apenas a informar ou entreter, ou utilizar as habilidades literárias em livro-reportagem.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (Pena, 2006, p. 06).

Cada um desses itens compõem o que Pena chama de estrela de sete pontas, "pois são sete diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela" (Pena, 2006, p. 06). Esta é a definição de jornalismo literário adotada para esta pesquisa, a qual será abordada em maior profundidade na próxima seção.

2.2 A ESTRELA DE SETE PONTAS

Pena (2006) formulou sua concepção sobre jornalismo literário em sete partes, simbolizadas pelas pontas de uma estrela. Na primeira ponta é comentado potencializar os recursos do jornalismo. O jornalista precisa utilizar as técnicas do jornalismo cotidiano, como a apuração rigorosa dos fatos e ética, combinadas técnicas narrativas a serem desenvolvidas ao longo do texto. Na segunda ponta, quando o autor fala de ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano ele quer que o jornalista vá além da periodicidade e da atualidade.

Ele não está mais enjaulado pelo deadline, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar a sua reportagem. E nem se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. Seu dever é ultrapassar estes limites e proporcionar uma visão ampla da realidade, que é a terceira característica sugerida (Pena, 2006, p. 07).

Essa visão ampla se concentra em contextualizar a informação o quanto for possível. "Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração" (Pena, 2006, p. 07). A quarta ponta da estrela trata da cidadania, e como exercê-la ao escolher um tema que seja de interesse público e uma abordagem que contribuam para o bem comum da sociedade.

Na ponta seguinte, o autor afirma que é preciso romper com o formato do lide jornalístico, pois, apesar de se tornar os textos mais objetivos, é uma fórmula que prende a criatividade do jornalista. "É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa" (Pena, 2006, p. 08). Evitar os definidores é a sexta ponta da estrela, ou seja, não procurar inicialmente e somente fontes que sempre são ouvidas no jornalismo diário.

Aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa. São as fontes oficiais: governadores, ministros, advogados, psicólogos, etc. Como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o

cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados (Pena, 2006, p. 08).

A última ponta da estrela trata da perenidade do texto, evitando que ele caia no esquecimento poucos dias depois, como frequentemente acontece no jornalismo tradicional. “Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos” (Pena, 2006, p. 08). Pena argumenta que para fazer isso tem que se criar uma narrativa que não seja simplista ou previsível, que seja parecida com a realidade complexa.

As definições de jornalismo literário de outros autores compartilham alguns pontos em comum com a estrela de sete pontas. Lima (2009), por exemplo, analisa dez elementos que ele julga como fundamentais para a composição do que é jornalismo literário. Esses elementos são: exatidão e precisão, contar uma história, humanização, compreensão, universalização temática, estilo próprio e voz autoral, imersão, simbolismo, criatividade e responsabilidade ética.

A exatidão e precisão aborda sobre ter dados e informações verídicas, aspecto fundamental para exercer qualquer tipo de jornalismo. Quando o autor fala em contar uma história está ligado a contar uma boa história real, ou seja, apresentar as informações de maneira atraente para o público. “Contar histórias reais envolve necessariamente colocar o ser humano em primeiro plano” (Lima, 2009, p. 359). Ao fazer isso, estamos humanizando os personagens mostrando os pontos fortes e fracos e gerando conexão entre a história e os personagens com o público. A compreensão a qual Lima se refere é a compreensão do macro, exibir perspectivas diversas e fazer conexões de dados e sentidos.

Enquanto a universalização temática diz respeito a tratar qualquer tema que seja de forma acessível para todo mundo e não nichado, como é o caso de uma editoria de economia. Em relação a estilo próprio e voz autoral é dito como a compreensão de mundo única de quem escreve, são as vivências combinadas com elementos da narrativas, e que são qualidades importantes ao praticar o jornalismo literário.

A imersão serve ao objetivo de se investigar os padrões de comportamento dos personagens de uma história, para se compreender suas motivações, seus valores, a origem possível de determinadas atitudes, a consequência de uma postura (Lima, 2009, p. 377).

Também é comentado por Lima (2009) que é preciso mergulhar naquela realidade, se afastar e refletir sobre para que depois o texto seja escrito. Desta maneira, podendo adicionar camadas no texto. O simbolismo se trata de atenção aos significados dos fatos e também a atribuir subjetividade ao texto para uma expressão melhor. Importando elementos presentes em narrativas literárias.

O simbolismo ajuda a consolidar na mente do leitor a síntese, a imagem, o sentido de um acontecimento, pois se vale do discurso poético, do código visual. Os significados que não estão evidentes pelos fatos eu preciso ter tirocínio para entender, mesmo que o meu protagonista não consiga verbalizar (Lima 2009, p. 379).

Como o próprio termo diz, a criatividade está relacionada a ser criativo no texto, inovar. “Nenhuma história pode ser igual a outra. Nenhuma narrativa deve se limitar, em mesmice, a eventual falta de imaginação de uma outra” (Lima, 2009, p. 387). Mas ser criativo não permite que o autor invente detalhes da história, o último elemento pontua isso, na responsabilidade ética de se ater aos fatos apurados. “O

jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disso" (Lima, 2009, p. 389).

Notável que o primeiro e o último elemento que formam a concepção de jornalismo literário de Lima são fundamentais na prática jornalística, eles fecham um ciclo e se complementam. Assim como outros elementos, pois o próprio autor comenta que suas características do conceito de jornalismo literário estão conectadas e se reforçam. Os pontos que podemos correlacionar entre o conceito da estrela de sete pontas e os elementos do jornalismo literário de Lima estão organizados na tabela abaixo.

Tabela 1 – Correlação entre os elementos de Lima (2009) e as pontas da estrela de Pena (2006)

Pontas da estrela	Elementos
Primeira ponta	Exatidão e precisão, responsabilidade ética
Terceira ponta	Imersão, compreensão e universalização do tema
Quinta ponta	Contar uma história, estilo próprio, voz autoral, simbolismo, criatividade
Sétima ponta	Criatividade

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

Embora nem todas as pontas da estrela tenham correlação com algum dos elementos, a criatividade se conecta tanto com a quinta ponta quanto com a última. O que não significa que alguma dessas definições de jornalismo literário seria a correta ou definitiva. Porém, evidencia a necessidade do jornalismo literário de ser único e diferente das reportagens do cotidiano, de ser uma combinação da credibilidade alinhada à ética e apuração do jornalismo com a inventividade e o lirismo que a literatura tem à disposição.

3 PODCAST E CRIMES REAIS

O podcast é um produto midiático veiculado digitalmente por plataformas de *streaming* como *YouTube* ou *Spotify*, mas que pode ser disponibilizado também em websites. A palavra podcast é um neologismo de *podcasting*, que segundo Fernandes e Musse (2017) seria o processo de distribuição online de arquivos em áudio. Ele pode ser ouvido de forma online ou baixar o arquivo para ouvir offline no *smartphone* ou notebook, em ambos os casos, o ouvinte pode consumir podcast quando, onde e como quiser (em velocidade aumentada ou não). Ele é também um produto midiático democratizador da comunicação. Herschmann e Kischinhevsky (2008) argumentam que esse tipo de mídia possibilita que ONGs, grupos ativistas de minorias e movimentos sociais possam veicular conteúdos diversos com baixo custo de produção e divulgação. “Embora a tecnologia estivesse disponível desde 2001, esse meio só parece ter se popularizado com o surgimento de grandes diretórios de

rádio via internet, nos quais é possível abrigar emissoras gratuitamente” (Herschmann; Kischinhevsky, 2008, p. 103).

Com início e primeiro auge na primeira década do século XXI, Bonini (2020) define 2015 como o início da segunda era do podcasting devido ao aumento de pesquisas no tema e pela popularização em escala global dessa mídia. Um dos podcasts mais famosos é o *Serial*, que surgiu em 2014, como um derivado do programa de rádio *This is American Life* e é apresentado por Sarah Koenig. Foco de *Serial* é investigar e comentar casos de crimes reais, a primeira temporada aborda o assassinato da sul-coreana de 18 anos Hae Min Lee, o que o tornou uma referência no nicho e teve outras três temporadas sobre outros casos criminais.

No Brasil o primeiro podcast, chamado Digital Mind, apareceu em outubro de 2004. Somente em 2006 o mercado se desenvolve e dois anos depois o formato ganha notoriedade em solo brasileiro. Nerdcast e Rapaduracast são grandes nomes que marcam o início de sua popularização (Gorski; D'UGO JR., 2024, p. 03).

Mesmo que a chegada do podcast tenha sido quase instantânea no Brasil, este formato ou gênero teve problemas para se manter e desenvolver. De acordo com Couto e Kischinhevsky (2021), os principais empecilhos eram a falta de locais para armazenamento e pouco acesso à internet para a maior parte da população. Porém, ao longo da década seguinte a comunidade de podcasters brasileira foi se solidificando e em 2019, o podcast *Projeto Humanos* se tornou um fenômeno. Não só no cenário profissional de podcasts, mas também no gênero de casos criminais, com uma abordagem documental e jornalística feita por Ivan Mizanzuk. A quarta temporada foi publicada em 2018 em que se revisita e aprofunda no Caso Evandro, um menino de 7 anos que desapareceu em 1992 e foi encontrado dias depois brutalmente assassinado. Alguns dos podcasts brasileiros mais famosos que tratam de crimes reais são: *Projeto Humanos*, *Praia dos Ossos*, *Modus Operandi*, *Café com Crime* e *A Mulher da Casa Abandonada*. Muitos dos podcasts do nicho de crimes reais, como é o caso dos podcasts narrados por Chico Felitti, mesclam o tom documental com *storytelling* (ou contação de histórias), uma técnica de narrar fatos de forma envolvente e com emoção.

A técnica do *storytelling* atende às necessidades dos consumidores de mídia e de notícias dos dias de hoje, principalmente quando se fala em novas tecnologias de comunicação. O grande volume de informação disponível atualmente requer um relato que se diferencie, atraia e envolva. Caso contrário, não receberá atenção. O *storytelling* é uma possibilidade para esta necessidade (Cunha; Mantello, 2014, p. 66).

Além disso, Cunha e Mantello (2014) vêem que o *storytelling* pode servir como uma possibilidade de humanização do relato jornalístico, e também de humanização dos personagens. O que acaba por dialogar com as definições de jornalismo literário que foram apresentadas ao longo dessa pesquisa.

Aliando jornalismo às características presentes no entretenimento, o podcast narrativo encontra um ambiente favorável para expansão em meio digital. Escrita apurada, efeitos sonoros, leitura intimista, personagens cativantes e histórias com reviravoltas preenchem um bom roteiro do gênero. Esses instrumentos favorecem a ligação da audiência com o apresentador, que vê o relacionamento oportuno para expansão e permanência de um público cativo consumindo o conteúdo (Couto; Kischinhevsky, 2021, p. 02).

E ouvir podcasts se torna uma atividade que pode ser feita sozinha ou em conjunto a outro afazer como arrumar a casa ou em momento de autocuidado e beleza. Dessa forma, o ouvinte pode se sentir acolhido e próximo do narrador ou apresentador, elevando a experiência sensorial de consumir informação por meio de arquivos de áudio.

Diferentemente de histórias produzidas para as telas, em que emoções são representadas de forma visual, histórias em áudio (prontamente disponíveis em smartphones) exploram nossas vidas por meio de sons e da palavra falada, sussurradas intimamente em nossos ouvidos. O espaço personalizado de escuta criado por fones de ouvido acomoda ainda mais o vínculo criado entre as vozes na história e o ouvinte (Lindgren, 2020, p. 114).

É evidente que cada vez mais podcasts vêm se consolidando como um veículo de comunicação forte e que será a principal mídia de consumo em 2025 em escala global, como foi dito por Scott Galloway, professor da NYU, em palestra da última edição da *South by Southwest (SXSW)*. O que torna o hábito de ouvir podcast uma atividade cotidiana assim como, para nossos pais e avôs, ouvir o rádio todas as manhãs.

4 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza descritiva e explicativa, com abordagem qualitativa, cujo objetivo é ampliar o conhecimento e fomentar novos estudos sobre as perspectivas e os usos do jornalismo literário em podcasts. Busca-se, assim, aprofundar a compreensão das etapas que compõem esse processo, aplicando a categorização de cada uma das sete pontas da estrela que forma o conceito de jornalismo literário proposto por Pena (2006), por meio das unidades de análise de Oliveira (2006). Primeiramente, foi realizada uma análise geral da estrutura do podcast e, em seguida, elaborada uma breve síntese dos sete episódios principais da série documental *A Mulher da Casa Abandonada*. Na sequência, foram apresentados os recursos da teoria da estrela de sete pontas identificados em cada um dos episódios, com base nas categorias mencionadas, utilizadas como unidades de análise, conforme Oliveira (2006).

5 ANALISANDO A MULHER DA CASA ABANDONADA

O podcast *A Mulher da Casa Abandonada* é uma série documental investigativa com 7 episódios e um extra que trata dos desdobramentos do caso até aquele presente momento de julho de 2022. *A Mulher da Casa Abandonada* foi lançado semanalmente nos meses de junho e julho de 2022 nas plataformas digitais de músicas e podcasts. É escrito e apresentado pelo jornalista Chico Felitti, tem a produção de Beatriz Trevisan e Otávio Bonfá, com a edição de som de Luan Alencar. O podcast também conta com as participações da atriz e dramaturga Renata de Carvalho e da jornalista e apresentadora do podcast *Café da Manhã*, Magê Flores. Como o próprio jornalista e narrador inicia alguns episódios informando, o podcast é uma reportagem baseada em registros de um caso de interesse público, e que procurou ouvir todos os envolvidos e deu voz para quem quis falar sobre o caso.

A estrutura do podcast é composta por narração de cenas por Chico Felitti, trechos de entrevistas e sons ambientes, e em alguns momentos interpretação em

português de depoimentos dados em inglês. Essa estrutura se assemelha a de um livro-reportagem, pelo fato de Chico descrever cenário, traçar paralelos e utilizar-se de figuras de linguagem além de personificar-se como um narrador personagem da história. Por ser uma série documental em formato de mídia sonora, o podcast também se inspira em de séries audiovisuais. Nas transições de cenas é utilizado um som instrumental, o que remete a episódios de seriados de televisão que utilizavam fade-in e fade-out de tela escura para sinalizar a entrada de comerciais e a volta do programa, apesar de não haver propagandas nesse podcast.

A Abertura dos episódios desempenha um papel de recapitular os acontecimentos até aquele ponto da história de cada episódio, recurso similar ao que é utilizado em seriados de televisão. Logo em cada um dos episódios, a abertura é ligeiramente diferente. Além disso, em seis episódios, menos o primeiro, temos trechos de cenas no início de cada episódio, servindo como uma chamada para pontos centrais de cada episódio. E também ao final de seis episódios, menos do último, temos trechos que servem de prévia do próximo episódio. A seguir estão breves resumos do que acontece em cada um dos sete episódios do podcast investigativo para contextualizar quem ainda não conhece ou também para relembra.

Episódio 1 - A Mulher

O primeiro episódio começa com Chico Felitti situando o ouvinte em um bairro nobre de São Paulo chamado Higienópolis, fazendo descrição física e visual do lugar e até correlação com fato de ter sido onde Jô Soares e Adriane Galisteu moraram. É utilizado sons ambiente de coisas que aconteceram naquele dia para uma imersão total naquela história que está para ser contada aos poucos. Chico também descreve a aparência física das personagens antes de ir para abertura do podcast onde dá uma prévia direta do que se trata o podcast da Mulher da Casa Abandonada. No primeiro momento acompanhamos a história de uma mulher maltrapilha e com pomada branca no rosto lutando para impedir que uma árvore seja derrubada, pois de acordo com ela aquilo é parte de um esquema de corrupção.

Essa mulher se apresentou como Mari e em seguida tanto o jornalista quanto nós sabemos que ela mora em um casarão antigo e decadente em meio a um bairro nobre de São Paulo, o imóvel também é descrito com detalhes. Chico costuma falar previamente o que vai acontecer e em seguida entra o áudio gravado naquele momento que tem as informações já ditas pelo jornalista e mais. Na metade do episódio, temos uma reviravolta, é revelado que Chico Felitti tinha pretensão de conhecer a dona da casa abandonada há tempo e ele descreve mais detalhes da casa. Ele faz uma correlação de um conto que havia lido há pouco tempo sobre bairros com casas abandonadas e um trecho do conto é lido pela atriz e dramaturga, Renata Carvalho.

Dias depois do primeiro contato com Mari, o jornalista voltou a falar com ela pela cerca da casa sobre cães e percebeu um sotaque americano quando ela falou em inglês. Entram as sonoras de alguns moradores comentando sobre a mulher do casarão decadente ser uma bruxa, o que começou a levantar o questionamento se ela não é vítima de misoginia. Mari ligou para Chico e conversaram um pouco e marcaram de se encontrar para que ele a ensinasse a como usar um portal, mas ela passou a ignorar o jornalista. Assim, Chico pesquisou por informações já existentes dela e do imóvel, num site de arquitetura ele encontrou um comentário sobre a dona da casa ser procurada pelo FBI e seu nome real ser Margarida Bonetti. Ao buscar pelo nome, encontrou uma reportagem de um jornal americano sobre ela e o marido

terem mantido uma empregada doméstica brasileira em condição de escravidão nos Estados Unidos. Episódio finaliza com uma prévia do próximo.

Episódio 2 - A Casa

Após descobrir a reportagem sobre o caso da empregada em situação analoga a escravidão, Chico apurou mais os fatos sobre Margarida Vicente de Azevedo Bonetti em registros de jornais brasileiros e com os moradores de Higienópolis. Por meio de falas de vizinhos e pessoas que trabalham perto da antiga casa descobrimos que toda a vizinhança conhece o que Margarida Bonetti fez com a empregada nos Estados Unidos. É feita a apresentação da personagem Mari Muradas, que mora num prédio localizado atrás do casarão decadente, e em seguida a personagem conta como descobriu a história de Margarida Bonetti por ouvir moradores mais antigos do bairro. Mari Muradas relatou os problemas sanitários e de saúde que dizem respeito à casa abandonada. Após isso, Chico Felitti conta o histórico de riqueza, poder e importância que advém da família de Margarida Bonetti. Chico, o porteiro do prédio que mora Mari Muradas, compartilha mais informação sobre a casa e a mulher que lá habita, uma vez que ele trabalha como porteiro no prédio desde 1984.

Temos conhecimento que a casa parou de ter manutenção quando a mãe de Margarida faleceu em 2011 e que o convívio dela com o restante dos moradores não é nada agradável. É apresentado outro personagem, também chamado de Francisco, um zelador de um prédio próximo ao casarão e que tem uma relação mais cordial com a moradora. O zelador disse que ela já falou do caso da empregada, e que ela negou a história. Há uma narração com bastante detalhes da aparência do imóvel que consegue ver por cima do muro. O jornalista também apresenta a gravação de quando tentou contato com as irmãs dela para entrevista e foi negado. Os relatos são intercalados com falas de Felitti que complementam o panorama do caso. O episódio termina com um gancho de Chico indo até a casa onde aconteceu as torturas com a empregada.

Episódio 3 - Uma Rua em Silêncio

O terceiro episódio inicia-se com descrição visual da rua onde Margarida morou com o marido, Renê Bonetti, e torturou a empregada brasileira durante 19 anos. Chico Felitti também faz correlação com o imaginário imagético que temos de uma vizinhança tranquila dos Estados Unidos, além de trazer um pouco da história da cidade de Gaithersburg, no estado de Maryland. Um pouco da história de Renê Bonetti é narrada, ele foi morar no estrangeiro com a esposa a trabalho na NASA, levaram uma empregada doméstica que era analfabeta e trabalhava para a família desde a adolescência de Margarida. Ele também entrevistou os vizinhos do bairro que não sabem o que aconteceu ali, estão presente os trechos gravados das conversas com os vizinhos.

No dia seguinte ele buscou pela igreja que o casal frequentava, *Mother of God* (Mãe de Deus), mas não teve retorno e foi até o fórum da cidade vizinha e encontrou o processo de Renê Bonetti. Trechos do processo são narrados pela jornalista Magê Flores e que contam detalhes dos abusos sofridos pela empregada durante o tempo que estava nos Estados Unidos. Somente Renê é mencionado no processo, pois a esposa não estava no julgamento. Trechos do processo são intercalados com comentários de Chico Felitti que complementam a narrativa com informações ou observações. No terceiro dia, o jornalista encontrou com Vicky Schneider, testemunha principal do caso. Renata Carvalho dá voz a tudo o que a Vicky

Schneider contou em entrevista. Detalhes sobre a aparência do bairro e do interior da casa da principal testemunha são dados pelo narrador.

Ao longo da entrevista acontece o mesmo que antes, trechos de Vicky são intercalados com comentários e observações de Felitti, o que torna a narrativa mais dinâmica e rica em informações. Vicky Schneider era vizinha dos Bonetti e uma amiga e confidente da empregada brasileira. Vicky foi na igreja que os Bonetti frequentavam para pedir ajuda à empregada, mas ela também não teve retorno deles, porém em outra igreja conseguiu amparo do padre. Schneider formulou uma denúncia para o FBI sobre o crime dos Bonetti, e foram 2 anos de investigação. Quando a empregada finalmente conseguiu acesso à consulta médica descobriu que tinha 7 tumores e o útero comprometido. Margarida Bonetti voltou para o Brasil, quando o processo ainda estava sob sigilo, para o enterro do pai. O episódio também há uma prévia do episódio seguinte.

Episódio 4 - Uma Mulher e um Homem Livres

O episódio começa com Chico Felitti comentando para o ouvinte sobre as três acusações feitas contra Renê e Margarida Bonetti nos anos 2000: manter uma empregada doméstica em condições análogas à escravidão por cerca de 20 anos, conspirar para manter uma imigrante ilegal nos EUA e submeter a empregada a maus-tratos. A acusação de violência foi considerada falsa, sendo manipulada por amigos da vizinhança. Schneider lembrou o dia em que foi confrontada por Renê, que a acusou de ser a responsável pela denúncia. O depoimento da empregada era essencial para que o FBI avançasse na investigação, mas a mulher não queria denunciar os patrões. Após conversas com uma freira brasileira, a empregada finalmente prestou seu depoimento, que foi crucial para o andamento do caso. Renê Bonetti argumentava que as acusações eram falsas e manipuladas.

Durante o julgamento, que teve ampla cobertura na mídia brasileira, Renê afirmou que tinha um bom relacionamento com a empregada e que a tratava como parte da família. Além disso, a defesa alegou que ele teria levado a empregada aos EUA para protegê-la, pois ela estava sendo ameaçada pela esposa de um homem com quem tinha um caso. Em fevereiro de 2000, Renê foi declarado culpado de todas as acusações, e a sentença foi adiada para agosto, quando ele foi condenado a seis anos e meio de prisão e uma multa de 110 mil dólares. Após ser solto, Renê desapareceu e Chico Felitti iniciou uma investigação para encontrá-lo, o que resultou em três endereços registrados no nome de Renê, dois em Gaithersburg e um em Reston, Virgínia.

Durante a viagem até Reston, o jornalista narra detalhes da luxuosa vizinhança, conversou com moradores que revelaram que Renê trabalha como diretor na *Northrop Grumman Innovation Systems*, uma empresa de segurança nacional. Chico tentou contatar Renê e seus advogados, mas não obteve resposta. De volta à casa de Vicky, ela compartilhou uma cópia do jornal *Washington Post*, que falava sobre mudanças nas leis trabalhistas para imigrantes domésticos, garantindo plano de saúde e férias. A antiga vizinha dos Bonetti informou que a empregada está bem, vivendo nos EUA com passaporte humanitário e pensão do governo. O episódio termina com Chico conseguindo falar com a vítima por telefone. Embora o áudio tenha sido distorcido, a vítima permite que a gravação seja usada, mas pede para não ser encontrada.

Episódio 5 - Outras Tantas Mulheres

O quinto episódio começa com um aviso legal de repúdio aos ataques e perseguições que estavam acontecendo online e pessoalmente a Margarida Bonetti. Esse episódio é um pouco diferente dos demais. Apesar de dar breves pausas na história de Margarida Bonetti, da empregada e da casa abandonada, a discussão sobre trabalho análogo a escravidão continua, agora com outras três histórias de empregadas domésticas que viviam em condições exploratórias, em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Santos. A narrativa inicia com o dia de uma empregada doméstica, que ao retornar ao trabalho em 2020, se deparou com uma investigação de trabalho análogo à escravidão na casa onde morava e trabalhava. O episódio foca na história de Madalena Gordiano, que trabalhou por 38 anos sem salário ou direitos trabalhistas em Minas Gerais.

Chico Felitti fez conexões entre o caso de Madalena e o de Margarida Bonetti, intercalando relatos de reportagem, depoimentos e falas de autoridades no assunto como Beatriz Trevisan, Thaís Teófilo e Luana Simões Pinheiro. Felitti também trouxe dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre o trabalho doméstico, é dito que 92% das trabalhadoras são mulheres, principalmente negras e de baixa escolaridade. O narrador apresenta mais dois casos de trabalho análogo à escravidão, o de uma senhora de 89 anos resgatada após 50 anos de exploração em Santos. Há trechos de reportagens e comentários sobre o processo de investigação de trabalho escravo. Outro caso de uma vítima de 72 anos no Rio de Janeiro é referenciado, reforçando a ideia de que esse tipo de trabalho é comum no Brasil.

O episódio retoma a história de Madalena Gordiano, abordando desde seu casamento arranjado até ser dada de presente para o filho da patroa. A narrativa segue a estrutura de antes, depoimentos intercalados com comentários, até chegar ao ponto de que, em alguns casos, os empregadores argumentam que a trabalhadora é "da família". Falas da procuradora Aline Oishi são inseridas e explicam como as denúncias dependem de pessoas externas e como a situação de Madalena foi tratada. O episódio finaliza com o depoimento de como Thaís Teófilo ajudou Madalena e as duas se tornaram próximas, além de fornecer um canal para denúncias de trabalho exploratório, que inclusive continuará presente nos finais dos próximos episódios. Ao final do episódio, o jornalista informa o site da Secretária Especial de Previdência e Trabalho para denunciar em anônimo alguma suspeita ou não de trabalho análogo a escravidão e também deixa o link do site na descrição do episódio.

Episódio 6 - Um Fim que Não É Bem um Fim

O penúltimo episódio também começa com um aviso legal condenando os ataques e perseguições que estavam fazendo online e pessoalmente a Margarida Bonetti. Chico Felitti narra uma cena com a produtora do podcast, Beatriz Trevisan, ambos em frente ao local onde começa o primeiro episódio do podcast. Eles estavam de vigia, esperando para falar com Margarida Bonetti. É utilizado trechos gravados daquele momento, intercalados com comentários de Chico que servem para refletir ou complementar. É mencionado que já se passaram 5 meses desde o primeiro contato com a mulher da casa abandonada, ao se questionar sobre ela não ter sido julgada no Brasil como deveria ter sido é inserido na discussão o advogado especialista em direito internacional e professor da PUC, João Mestieri, para esclarecer.

Anos atrás, o advogado havia dado entrevista comentando o caso e fazendo uma previsão de como seria o desfecho, e que não veio a se concretizar. Um trecho

dessa previsão feita por João Mestieri é narrado por Magê Flores. Ao longo da explicação do especialista para o podcast de como poderia ter sido o processo de julgamento e o motivo dela não poder mais ser julgada pelos crimes cometidos contra a empregada doméstica pois os crimes dela foram prescritos. Ou como explica o narrador, o Estado perdeu o prazo para processar Margarida. Nessa parte, há intercalação de comentários de Chico para complementar e refletir a situação do caso. Em seguida, é abordado a situação dos imóveis da família de Margarida, com trechos de documentos dos imóveis narrados também por Magê.

Ao encontrar com uma pessoa envolvida com a família que pediu anonimato, Chico faz comparações de sensações ao ver as fotos do interior da casa abandonada que foram tiradas há mais de 13 anos e descreve o que vê nelas. Depois, é contado o que aconteceu com a mãe de Margarida, Maria de Lourdes, após depor a favor de Renê. Entrou trecho de reportagem do jornal O Globo sobre o desfecho do julgamento, ele também tem narração de Magê Flores. Descobrimos que a casa abandonada estava para entrar a venda, na época, e voltamos para o início do episódio, em que narra os dias de vigias para fazer contato com a dona da casa abandonada. Temos áudios de vários momentos desses dias intercalados com narração de cenas e reflexões para exemplificar a passagem de dias e o esgotamento que foi causado. Até que finalmente Chico consegue falar com Margarida Bonetti, e pensou que finalmente teria a entrevista com ela, porém ela entrou na casa abandonada e não retornou. Felitti fez um ensaio de que aquele seria o final da investigação mas guardou uma reviravolta, que ela finalmente vai dar uma entrevista exclusiva. No final, também tem o informe do site para denúncias anônimas de trabalhos análogos a escravidão e o link do site na descrição do episódio.

Episódio 7 - A Mulher da Casa Abandonada

A estrutura deste episódio é diferente dos demais por se tratar de uma entrevista exclusiva com Margarida Bonetti, de mais de 2 horas e que foi editada. Como explica Chico Felitti no começo do episódio, não há descrição de cenas ou ações apenas a conversa com adendos feitos por ele posteriormente para adicionar outras informações ou corrigir o que foi dito por Margarida, uma vez que a fala dela não condiz com o que foi apurado nas investigações das autoridades e nem do jornalista. O último episódio do podcast também se inicia com um aviso legal de condenação de ações de perseguições, e em seguida começa a lembrar a manhã de 29 de maio de 2022, principalmente o encontro com Margarida Bonetti.

O depoimento dela é pautado em ser inocente, em não saber dos maus-tratos que a empregada doméstica sofria pois somente o marido era responsável pelas agressões e negligências do trabalho e visto legal. Além de tentar desacreditar provas do caso e enfatizar que tinha uma saúde frágil e que passava meses no Brasil. No final, temos segundos de várias mensagens de voz deixadas pela dona da casa abandonada, que reforçam o que foi dito na entrevista por telefone de mais de 2 horas. Neste episódio também se repete, ao final, o aviso do site da Secretária Especial de Previdência e Trabalho para denúncias anônimas de trabalho análogo a escravidão.

5.1 A ESTRELA DE SETE PONTAS NA CASA ABANDONADA

No podcast *A Mulher da Casa Abandonada* é encontrado os seguintes aspectos do jornalismo literário de Pena (2006). Primeiro, Felitti potencializa os

recursos do jornalismo ao fazer uma ampla investigação e checagem dos fatos do caso dos Bonetti, como é relatado em cada um dos episódios, por meio de documentos oficiais e fontes relacionadas ao casal. Isso é combinado com elementos narrativos como gancho para o próximo episódio, construção de reviravoltas e suspense, uso de figuras de linguagem, recapitulação dos fatos na abertura dos episódios. Inclusive, o uso de sons dos ambientes gravados quando as cenas aconteciam, como por exemplo latidos de cães, passos fortes e respiração ofegante, som de árvore sendo cortada.

Na segunda ponta é preciso ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, no podcast descobrimos que o jornalista passou meses apurando cada uma das informações e pesquisando dados. O que torna evidente que Chico Felitti não tinha um compromisso com prazo de entrega, pois como ele afirmou em entrevista ao podcast *Inteligência Ltda.*, desde o livro Ricardo e Vânia ele primeiro produz a reportagem e em seguida entra em contato com veículos de comunicação ou editora para venda e publicação e nesse caso foi com a *Folha de S.Paulo*. Além disso, a história de Margarida e Renê Bonetti não é factual, aconteceu décadas atrás. É uma reportagem que demandou tempo e o levou a outro país para que continuasse a apuração minuciosa e que assim tivéssemos uma visão ampla da realidade, como exige a terceira ponta da estrela. Ou o mais próximo que foi permitido, uma vez que nem Renê e nem a empregada doméstica quiseram dar entrevistas sobre o caso. Outro aspecto que também contribuiu para uma visão ampla dos fatos foram as contextualizações de localização da história e situação decadente do imóvel, aspectos jurídicos envolvendo o casal Bonetti e empregadas domésticas no Brasil.

Para a próxima ponta, exercer plenamente a cidadania, o próprio Chico Felitti diz no início de alguns episódios que se trata de um caso de notório interesse público. E o podcast buscou discutir sobre racismo estrutural, falta de regularização e reconhecimento de direitos trabalhistas de empregadas domésticas no Brasil. Principalmente no quinto episódio, quando conhecemos três histórias de empregadas brasileiras que viviam em condições análogas a escravidão. Outro ponto importante de ressaltar é que desde o lançamento do podcast e seu sucesso, houve aumento anual de denúncias de trabalhos análogos a escravidão no país. Os dados são do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, e informam que em 2024 foram mais de 3 mil denúncias protocoladas, incluindo crianças, mulheres, adolescentes, idosos e pessoas com deficiência.

Felitti rompe com o formato do lide já no primeiro episódio. Ele leva um tempo para descrever e situar o ouvinte no bairro de Higienópolis e ir apresentando a personagem principal da história, primeiro a conhecemos como Mari. Ele se permite fazer uma construção de uma figura excêntrica que utiliza pomada branca no rosto todo e mora em um casa deteriorada em meio a um dos bairros nobres da cidade de São Paulo, o que já capta a curiosidade do ouvinte. Ao fazer isso criou margem para construir uma reviravolta, de que essa mulher é procurada pelo FBI por um crime que comentou contra a empregada doméstica décadas atrás nos Estados Unidos. A escolha de fazer do lide uma reviravolta serve tanto para segurar a atenção do ouvinte quanto para exemplificar o processo de investigação do jornalista, pois acompanhamos o ponto de vista dele. Chico Felitti se torna um narrador personagem da história, e à medida que ele foi se aprofundando na história ele transmite essa sensação para o podcast. Dessa forma, rompendo com o lide ao longo do podcast e respondendo aos poucos as perguntas que o compõem. Além

disso, ele elabora comparações, utiliza metáforas, descreve ações e ambientes, o que não seria possível de fazer em um texto jornalístico tradicional.

Ao descobrir que Margarida é procurada pelo FBI, o jornalista primeiro procurou ouvir vizinhos dela para saber como era a convivência e se sabiam da real identidade e o que ela fez, como foi mostrado durante o segundo episódio. O mesmo é feito quando chega na antiga vizinhança onde aconteceu o crime contra a empregada brasileira, tendo Vicky Schneider como uma fonte importante. Porém ele não se atém somente aos vizinhos e procura documentos oficiais no cartório americano para aprofundar e basear em fatos a reportagem. Apenas nos últimos episódios que temos a presença de fontes especialistas em direito internacional e direito trabalhista para explicar e sanar dúvidas jurídicas que viriam a surgir. Desse modo, aplicando o que exige a penúltima ponta da estrela, evitar definidores primários.

No que diz respeito à perenidade, o podcast viralizou nas redes sociais assim que foram lançados os primeiros episódios. Um ponto importante de comentar foi a espetacularização que tomou conta ao longo das semanas, de pessoas indo até a casa abandonada para tirar fotos e gravar vídeos como se fosse um ponto turístico até ataques e perseguições a Margarida Bonetti, forçando-a a deixar o imóvel. O que levou Chico Felitti a se pronunciar contra tais atos a partir do quinto episódio. *A Mulher da Casa Abandonada* tornou-se referência quando se fala em podcast investigativo e o impacto foi tanto que garantiu uma série sobre o caso para o serviço de *streaming Prime Video*, com estreia prevista para o dia 15 de agosto de 2025 e com três episódios que planejam aprofundar ainda mais o caso. Além disso, o podcast e o processo de apuração dele é um tópico frequentemente abordado em entrevistas com Chico Felitti.

Dessa maneira, o podcast investigativo de Felitti contempla os sete aspectos da definição de jornalismo literário proposta por Pena (2006) em um produto voltado para mídia sonora. O que o torna um exemplo de como aplicar técnicas jornalísticas e literárias em um mídia diferente da escrita, e uma possibilidade alternativa para o jornalismo tradicional explorar cada vez mais.

6 CONCLUSÃO

Durante esta pesquisa qualitativa tivemos a comparação de conceitos de jornalismo literário e foi notado que embora não haja uma definição oficial, há aspectos que se correlacionam entre concepções de diferentes autores, como foi o caso de Pena (2006) e Lima (2009). Também foram registrados os acontecimentos principais dos episódios, para contextualização, e examinada a estrutura do podcast, pois *A Mulher da Casa Abandonada* se trata de um podcast narrativo como o *Serial* e o *Projeto Humanos*. E que também foi abordado o surgimento e o sucesso de podcasts de crimes reais no Brasil e no exterior, apontando o podcast como uma mídia de consumo crescente ao longo dos anos. Após isso, tornou-se mais fácil realizar a análise do podcast, e conclui-se que *A Mulher da Casa Abandonada* utiliza de todos os aspectos que compõem a visão de Felipe Pena (2006) sobre jornalismo literário, a estrela de sete pontas.

A história, de uma mulher com pomada no rosto e que vive em uma mansão decadente em um bairro nobre de São Paulo, por si mesma é interessante. O que fez ela única foi o que havia por trás da figura excêntrica e da casa abandonada, junto com a forma que essa história foi contada de forma envolvente e humana. Por esta razão, a história fascinou e continua a fascinar os ouvintes assíduos de podcast

e até quem não costuma consumir esse tipo de conteúdo e mídia. Demonstra de forma prática como unir as práticas jornalísticas a uma narrativa envolvente e possibilita novas formas de contar histórias no jornalismo.

Além disso, é um exemplo de como o jornalismo literário pode ser aplicado em uma mídia sonora como o podcast, indo além do já tradicional livro-reportagem. E consolida-se como uma alternativa para jornalismo independente de novos e profissionais e veteranos que buscam se reinventar e explorar as práticas fora das redações de grandes veículos de comunicação, seja no formato do podcast ou do livro-reportagem.

REFERÊNCIAS

‘Mulher da casa abandonada’ deixa local após tiro de arma de fogo em janela.

Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/07/5022094-mulher-da-casa-abandonada-deixa-local-apos-tiro-de-arma-de-fogo-em-janela.html>>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

A Mulher da Casa Abandonada. [Com narração de:] Chico Felitti. São Paulo: Folha de S. Paulo. Disponível em:

<<https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBlen2Ki2dqV?si=lrT0hTWDScusucDB3lkvMg>>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

BARSOTTI, Adriana; SANTA CRUZ, Lucia. **Jornalismo literário em podcasts:**

Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN. In: Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana, MG, v. 11, n. 01, p. 137-159, jan./abr. 2020.

BONINI, Tiziano. **A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um**

novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. In: Radiofonias — Revista de

Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 1, p. 13-32, jan./abr. 2020.

BRODBECK, Pedro. **Podcast que conta a história do 'Caso Evandro' bate 4 milhões de downloads e vai virar série.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/06/15/podcast-que-Conta-a-historia-do-caso-evandro-bate-4-milhoes-de-downloads-e-vai-virar-serie.ghtml>>. Acesso em: 22 de maio de 2025.

BUCHWITZ, Sarah. **Podcast será a mídia dominante em 2025, segundo previsões do SXSW.** Disponível em:

<https://exame.com/marketing/podcast-sera-a-midia-dominante-em-2025-segundo-previsoes-do-sxsw/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento>.

Acesso em: 22 de maio de 2025.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário: uma introdução.** Brasília: Casa das Musas, 2010.

COUTO, Leonardo; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **A febre do podcast True Crime no contexto do rádio expandido.** INTERCOM, PE (Virtual): 2021.

CUNHA, K. M. R.; MANTELLO, P. F. **Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos**. In: Revista Comunicação Midiática (online), Bauru, v. 9, n. 2, p. 56-67, mai./ago. 2014.

Denúncias de trabalho escravo sobem após lançamento de A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/denuncias-de-trabalho-escravo-do-mestico-duplicam-apos-lancamento-de-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml>>.

Acesso em: 09 de maio de 2025.

GORSKI, Maria Victória; D'UGO JR., Roberto. **Dissecando narrativas: a ambientação sonora do podcast 'A Mulher da Casa Abandonada'**. INTERCOM, Balneário Camboriú, SC: 2024. Disponível em:

<<https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/07222024183456669ed080ca293.pdf>>.

Acesso em: 23 de maio de 2025.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento**. In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, RS: 2008, p. 101-106.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.

LINDGREN, Mia. **Jornalismo narrativo pessoal e podcasting**. Tradução: Gustavo Ferreira. In: Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 112-136, jan./abr. 2020.

Mansão da 'mulher da casa abandonada' vira atração em área nobre de São Paulo. Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/noticias/mansao-da-mulher-da-casa-abandonada-vira-atracao-em-area-nobre-de-sao-paulo,e923108bc1bbbec96fb4cf70a224a402vk5a0mda.html>>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

MARQUES, Jovi. **“A Mulher da Casa Abandonada”**: série documental ganha data de estreia no Prime Vídeo. Disponível em:

<<https://www.papelpop.com/2025/05/a-mulher-da-casa-abandonada-serie-documental-ganha-data-de-estreia-no-prime-video/>>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas**. In: Intercom - RBCC, São Paulo, SP, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017.

MIYASHIRO, Kelly. **O crescimento surpreendente na audiência de podcasts no Brasil**. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/o-crescimento-surpreendente-na-audiencia-de-podcasts-no-brasil/>>. Acesso em: 22 de maio de 2025.

MOURA, Rayane; NUNES, Júlia. **Brasil registra recorde de denúncias de trabalho escravo em 2024, diz ministério.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2025/01/29/brasil-registra-recorde-de-denuncias-de-trabalho-escravo-em-2024-diz-ministerio.ghtml>>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

PENA, Felipe. **O Jornalismo Literário como gênero e conceito.** Disponível em:

<<http://felipepena.com/wp-content/uploads/2015/03/jornalismo-literario-genero-conceito.pdf>>. Acessado em: 05 de maio de 2025.

Podcast 'A mulher da casa abandonada' vai ganhar série documental no streaming. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/12/08/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-vai-ganhar-serie-documental-no-streaming.ghtml>>. Acesso em: 14 de maio de 2025.

Podcast investiga passado de crimes por trás de mansão abandonada em São Paulo. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/06/podcast-investiga-passado-de-crimes-por-tras-de-mansao-abandonada-em-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 14 de maio de 2025.

Terceiro episódio do podcast 'O Síndico' explica desdobramentos do caso na Justiça. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2025/05/terceiro-episodio-do-podcast-o-sindico-explica-desdobramentos-do-caso-na-justica.shtml#:~:text=%20O%20S%C3%A9ndico%22%20%C3%A9%20o%20segundo,milh%C3%B5es%20de%20downloads%20por%20epis%C3%B3dio>>. Acesso em: 09 de maio de 2025.

VILELA, Rogério; FELITTI, Chico. **A MULHER DA CASA ABANDONADA, CHICO FELITTI CONTA TODOS OS DETALHES DESSE CASO.** Youtube, 14 de fevereiro de 2023. 22min02s. Disponível:

<https://www.youtube.com/watch?v=IDhaSe_Clrw>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

AGRADECIMENTOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e Graduação não teria acontecido se não fosse pela ajuda e confiança depositadas pela família, e por isso eu os agradeço por todos estes anos.

Também não poderia deixar de agradecer aos professores pelas ótimas contribuições ao longo do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Em especial aos professores Rafael Mélo, Cássia Lobão, Agda Aquino, Ada Guedes e Rostand Melo.

Por fim, agradeço às pessoas incríveis que fizeram parte da minha graduação, Victor Oliveira, Magno Lisboa, Victória Batista, Giovanna dos Santos, Letícia Cely, Guilherme Barbosa, Adryan Brito, Letícia Costa e Érika Moura.